

De Livro em Livro

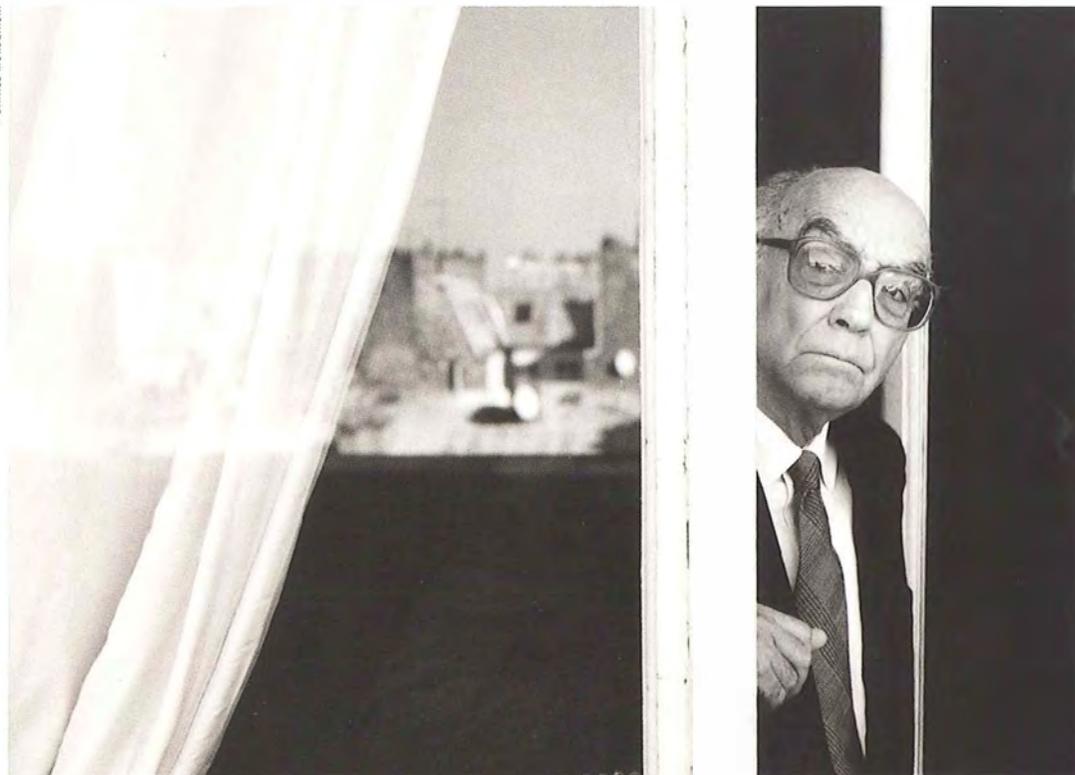
José Manuel Mendes

OS DIÁRIOS DE JOSÉ SARAMAGO TÊM SIDO, NO essencial, livros de bordo, escritos no decurso e em função dos dias, associando registos de circunstância e reflexões cuja recorrência se prende amiúde com a temática dos romances que publicou, lugares de intimidade e interlocução, lembrança e questionamento, errância, procura. Mas livros não redutíveis a uma ideia de adjacência, à ordem do secundário ou do intervalar. Na sua especificidade genológica, *Cadernos de Lanzarote* constituem um momento outro da obra do Autor, um momento que se não constrange nem eufemiza no contexto bibliográfico a que pertence. E isto porque, a partir do primeiro volume, propondo uma assinalável diversidade e riqueza de materiais, reiteram os méritos e singularismos identificados em *Memorial do Convento* ou, para apenas referenciar os últimos títulos de ficção, *Ensaio sobre a cegueira* e *Todos os Nomes*.

Os *Cadernos V*, acabados de sair, incorporam uma vez mais numerosas notações de viagem, com destaque para as páginas que assinalam a permanência na China, na Alemanha e no Brasil, o encontro e confronto de culturas, a observação dos seres e das coisas, fixando ocorrências, imagens e situações que trazem a marca do irrepetível, diante da Grande Muralha ou, em Gand, no interior da Catedral de S. Bavon. São passagens cheias de gente, cheias de vozes, consonantes, discrepantes como na troca de impressões com o Presidente da Associação de Escritores Chineses, gente e vozes que chegam a colunar entre si e se inscrevem numa espécie de coralidade que lembra a que surpreendemos na produção romanesca de José Saramago. Não raro, aliás, se nos deparam figuras, personagens e mecanismos de composição textual que, mesmo exprimindo uma evidência da realidade e do imediato, recuperam, prolongam talvez, as atmosferas, os ritmos, os traços nucleares dessa produção. O biografema busca e exalta, assim, a



© DANIEL MORZINSKI



comunidade daqueles que o partilham, pelo que estamos no oposto de qualquer procedimento solipsista, de uma narrativa tão-só especular ou autotélica.

A uma tal luz, releva a inserção, também habitual, de opiniões da crítica e extractos de correspondência que proporcionam comentários, ponderações pessoalíssimas e desafios de diversa natureza: «*O autor mais afortunado será aquele que, graças a uns quantos leitores atentos que lhe vão comunicando as suas impressões de leitura, está continuamente em processo de aprendizagem sobre a sua própria obra*». A opção não se limita a confirmar uma abertura à pluralidade das propostas, linguagens e juízos, exaltantes ou exprobatórios. Basta ler, a propósito e em contraponto, as cartas de José Luis Draper ou Rossana e de Maria Brasileira, amostra esta do

fundamentalismo católico que o escritor tem combatido, desde bem antes de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *In Nomine Dei*. Com pertinência se falará de uma vocação dialógica. E a dois níveis — o das aludidas relações entre o eu e a alteridade; o da afirmação do que em cada homem é uma polifonia, multiplicidade interagente (Valéry: *L'individu est un dialogue*). No jornal de José Saramago, ainda quando relapso à confidência, à catarse, às vicissitudes de um estatuto ontológico, abundam os instantes que comprovam esta dimensão fundamental.

O espaço afectivo subordina-se, com efeito e sem quebras, a uma regra de reserva. Não existem possibilidades para o sensacionalismo e o ajuste de contas, a delação e a falácia, os desvendamentos, as deambulações por um labirinto psicológico, efectivo ou imaginário.

O autor sabe que é impossível a representação da vida vivida, a vida toda e, em bom rigor, o que da sua síntese pode seleccionar-se. Mas sabe igualmente que há domínios que, por seu alvedrio, permanecem indisponíveis. Então, o que surge no diário, cintilações do quotidiano conjugal e doméstico, a condição de filho adoptivo de Lanzarote, o regresso a Chiapas, a morte dos amigos, pronuncia o indetível, o desejado, e densifica decerto quanto guarda.

Idêntica contenção assiste, de resto, às incursões de teor metaliterário, seja no enunciar de projectos e elementos peri-textuais seja, de modo frequente, no reportar de factos ligados à redacção, revisão e lançamento das suas obras, em Portugal ou nos muitos países onde se acham traduzidas. 1997 foi o ano de *O Conto da Ilha Desconhecida* e *Todos os Nomes*. Não estranha que, com certo detalhe, se faça o trajecto das dúvidas, impasses e progressões da fase em que iam sendo concretizados, bem como das jornadas principais que se seguiram à edição. Reconhecer-se-á a importância destes fragmentos, por várias e até opostas razões, sem sequer interferir no debate teórico em torno do cânone ou da viabilidade de um (para já débil e instável) paradigma autoral. Restam os apontamentos políticos, as evocações, os artigos destinados à imprensa, sobretudo à revista *Visão*, a homenagem a Rafael Alberti, as entrevistas a Carlos Reis e Juan Arias, o nascimento de uma criança, Olmo, na casa de Los Topes, as parábolas, os aforismos, as fábulas, a ironia, esse pessimismo tornado arma contra a resignação, os cães, as ruas de Lisboa, Beijing ou Madrid, os mil acasos, os sítios imprevisíveis de uma memória a construir-se na historicidade e na dissecação. E a arte de José Saramago, única, contagiante, a pregar mundos, a implicar. Como, afinal, não deixou nunca de acontecer. De livro em livro.



© DANIEL MORZINSKI